

Representações Sociais sobre o uniforme para as aulas de Educação Física: Reflexões sobre o “Azul ou Preto”¹

Social Representations of Physical Education uniforms: Reflections on “Blue or Black”

Felipe da Silva Triani ², Roberta de Souza Gomes ³, Renato Cavalcanti Novaes⁴ & Silvio de Cassio Costa Telles ^{2,3}

RESUMO: O uso de uniformes nas aulas de Educação Física são uma herança cultural que, por motivos variados, passou a ser socialmente absorvida. O objetivo deste artigo é discutir algumas das representações sociais que circulam no cotidiano escolar sobre o uniforme da Educação Física. Inicialmente, o texto apresenta a Teoria das Representações Sociais enquanto referencial teórico. Em seguida, evidencia as características dos uniformes no tempo e no espaço ao realizar uma pesquisa iconográfica que apresenta imagens de aulas de Educação Física retratadas na literatura e em documentos diversos. Por fim, propõe algumas reflexões sobre as representações sociais compartilhadas sobre o uniforme da Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física; Escola; Uniforme; Representações Sociais.

ABSTRACT: The use of uniforms in Physical Education classes is a cultural heritage that, for various reasons, has become socially absorbed. The objective of this article is to discuss some of the social representations that circulate in everyday school life about the Physical Education uniform. Initially, the text presents the Theory of Social Representations as a theoretical framework. Then, it highlights the characteristics of uniforms in time and space by conducting iconographic research that presents images of Physical Education classes portrayed in literature and in various documents. Finally, it proposes some reflections on the shared social representations about the Physical Education uniform.

Keywords: Physical Education; School; Uniform; Social Representations.

¹ A pesquisa recebeu financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

⁴ Marinha do Brasil

Introdução

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), a Educação Física é componente curricular obrigatório da Educação Básica. No entanto, ainda que seu status de disciplina esteja equiparado aos demais componentes do currículo, sua prática educativa no cotidiano escolar possui algumas características visíveis que são próprias do campo, um *habitus* específico, nas palavras de Bourdieu. Dentre elas, podemos citar o uso de instalações para a prática de exercícios físicos e de material esportivo para desenvolvimento das aulas (Novaes et al., 2024), assim como de uniforme adequado.

Essa última característica, o uniforme para a prática das aulas de Educação Física, é o objeto de estudo no qual o presente artigo se propõe a discutir. A roupa para as aulas desse componente curricular seria, sob a ótica de Hobsbawm (2012) em sua obra “A invenção das tradições”, quase que uma herança cultural que, por motivos variados, passou a ser absorvida socialmente. Nesse sentido, dentro da cultura normativa que estrutura o cotidiano escolar, e até mesmo nas famosas “listas de materiais” praticadas pelas escolas em todo o início de ano letivo, não é raro encontrar o item “uniforme de Educação Física”, vestimenta comumente constituída por camiseta da escola, short *tactel* para os meninos e bermuda de *lycra* para as meninas, ambos na cor azul marinho ou preta.

No campo da prática pedagógica da Educação Física na escola, o uniforme é sempre um tema emergente nas discussões sobre esse componente curricular, sendo comum encontrar professores que somente autorizam a prática da Educação Física se os estudantes estiverem com o uniforme específico. Essa exigência docente, em muitos casos, acaba excluindo das aulas os incautos e aqueles que se utilizam dessa exigência para serem impedidos de realizarem a prática.

Considerando que o uniforme é um tema do cotidiano escolar, o referencial teórico eleito para operar a discussão deste capítulo será a Teoria das Representações Sociais proposta por Moscovici que, de acordo com Triani (2022), tem no estudo do/com/no cotidiano a sua principal contribuição para a Educação Física, na medida em que temos a possibilidade de transformar conceitualmente um fenômeno do senso comum em uma questão a ser discutida enquanto objeto de pesquisa do universo científico.

Diante do exposto, o objetivo deste artigo é discutir algumas das representações sociais que circulam no cotidiano escolar sobre o uniforme da Educação Física. Inicialmente, o texto apresenta a Teoria das Representações Sociais enquanto referencial teórico. Em seguida, evidencia as características dos uniformes no tempo e no espaço ao realizar uma pesquisa iconográfica que apresenta imagens de aulas de Educação Física retratadas na literatura e em documentos diversos. Metodologicamente, as imagens foram selecionadas por critério de conveniência e analisadas de maneiras descritiva e interpretativa à luz da Teoria das Representações Sociais, considerando o atendimento ao objetivo do texto. Por fim, propõe algumas reflexões sobre as representações sociais compartilhadas sobre o uniforme da Educação Física.

Este artigo explora um objeto de estudo ainda pouco investigado pela produção científica brasileira no que se refere ao campo da Educação Física escolar em interface com as representações sociais, considerando a última revisão sobre o assunto até o período da produção em tela (Triani, 2022). Desse modo, apresentamos uma importante contribuição específica para o campo acadêmico e para as discussões sobre a Educação Física do ponto de vista da Teoria das Representações Sociais.

A Teoria das Representações Sociais

O desenvolvimento do texto apresenta-se ancorado na Psicologia Social, mais especificamente na Teoria das Representações Sociais proposta por Serge Moscovici

(1978). Essa escolha é justificável pelo fato de a teoria possuir um contexto de aplicabilidade, como fez o próprio Serge Moscovici ao defender sua tese que fundamenta a Teoria das Representações Sociais. Na ocasião, com o objetivo de investigar as representações sociais da Psicanálise, o autor realizou uma pesquisa de campo, tendo o homem comum como sujeito.

No que tange à gênese da Teoria das Representações Sociais, o próprio Serge Moscovici (2007) pontua que se apropriou da noção de representações a partir das “representações coletivas” de Durkheim (1987). No entanto, essa apropriação se deu de maneira crítica e constituiu um plano de imanência próprio da Teoria das Representações Sociais, algo que, para conhecer, algumas noções são necessárias, a saber: o motivo da substituição do termo “coletivo” por “social”; o universo reificado e o consensual; a sua função.

É relevante saber inicialmente que “representações coletivas” e “representações sociais”, embora sejam aparentemente semelhantes, conceitualmente são divergentes. Ao adotar o substantivo “representação” mais o adjetivo “social”, Moscovici atribuiu algumas qualificações à ideia de “representação social”, pois, a utilização do adjetivo “social” corresponde ao fato de que as representações sobre um mesmo objeto variam de acordo com as condições de vida social do grupo em que emerge. Além disso, o autor argumenta que o sentido do adjetivo social está no fato de que ela “contribuiu exclusivamente aos processos de formação das condutas e de orientação das comunicações sociais” (Moscovici, 2012, p. 71).

Ainda nessa perspectiva, o termo coletivo empregado por Durkheim corresponde a uma esfera que abarca um conjunto de formas intelectuais, como a ciência e a ideologia, sendo a primeira uma forma de entender a verdade e a segunda um sistema que justifica ações de um grupo. Nesse sentido, cada uma delas sofre transformações específicas de

acordo com os mecanismos representativos. Sendo assim, as formas intelectuais, isto é, mito, ideologia, religião e outras, não podem estar na mesma esfera. Essa tese constitui mais uma qualificação para a utilização de “representações sociais”.

Outra noção necessária para conhecer a Teoria das Representações Sociais é a de um universo reificado e consensual. Essa medida ocorre pelo fato de que as “representações coletivas” existiam, “mas ninguém se importava com sua estrutura ou com sua dinâmica interna” (Moscovici, 2007, p. 45). Sendo assim, para compreender esse dinamismo, Moscovici apresenta duas faces da sociedade, sendo a primeira o universo consensual no qual o ser humano é a medida de todas as coisas e nele é o lugar em que o grupo de indivíduos se relaciona, além disso, a sociedade é vista aqui como grupos de indivíduos que são iguais e livres; já a segunda, o universo reificado, é aquele em que todas as coisas, em quaisquer circunstâncias, servem como medida para o ser humano e nele se encontram as entidades invariáveis, como os sistemas de estado, professores e outros, um grupo diferente que os do universo consensual não pertencem, mas podem ser obrigados a pertencer; aqui a sociedade é vista como um sistema de diferentes papéis e classes, no qual os membros são desiguais.

Essa separação é feita pelo autor para propor uma crítica à ciência, da forma como se fazia na ocasião de sua tese. Para Moscovici, a ciência constitui o universo reificado e as representações sociais o consensual. Assim, o que se discute na ciência é aplicado a casos puros, isolados da realidade prática da vida cotidiana. No entanto, considerando que a própria ciência possui representações sociais, Moscovici (2007) propõe uma Psicologia Social que seja a ciência de tais universos e que se preocupe com a problemática do universo consensual e faça a transição dela para discussão no reificado por meio dos mecanismos representativos, daí emergir a função das representações sociais. Dessa confluência de universos emerge a função das representações sociais.

A funcionalidade da teoria deriva da discussão dos mecanismos que geram as representações sociais, isto é, sua função dentro de uma sociedade pensante e não o agente que as produz, algo muito discutido na perspectiva desenvolvida pela Sociologia e Psicologia. Sendo assim, na tentativa de engendrar a função das representações, Serge Moscovici (2007, p. 54) argumenta que “a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade”.

Uma das maneiras de elucidar esse processo é a própria tentativa de compreender o fenômeno das representações sociais, principalmente para quem não conhece a teoria, isso porque, tentar compreender, é em primeiro lugar, engendrar representações sociais sobre a própria Teoria das Representações Sociais e esse processo é uma maneira de tornar familiar o que não o é, de tentar conhecer o desconhecido e até superá-lo.

Esse mecanismo de engendramento de representações sociais, de formulação e reformulação, funcionando como um processo necessário que ocorre por meio da tentativa de compreender um fenômeno, é uma das maneiras de caracterizar a Teoria das Representações Sociais como cognitivista, uma vez que Moscovici propõe uma tentativa de compreender como as representações são construídas no indivíduo e sugere um procedimento cognitivo processual.

Há ainda uma noção a se compreender, as formas da abordagem da Teoria das Representações Sociais, para conhecer o seu campo de imanência. Trata-se, portanto, da Abordagem Processual da Teoria das Representações Sociais, essa que necessita de um estudo mais aprofundado para seu entendimento, pois há um grande arcabouço teórico a seu respeito. Contudo, é possível fazer alguns delineamentos, sendo assim, a abordagem processual é inaugurada com o próprio Moscovici no âmago de sua tese. Para a concepção das representações sociais, utilizando-se dessa abordagem, há de se compreender a articulação de dois processos não lineares, intitulados como “ancoragem” e

“objetivação”. São esses dois processos de familiarização do não familiar por meio da interação do indivíduo com o mundo.

É possível perceber a base desses processos na memória, na medida em que ancorar é trazer o objeto representacional para um intrínseco universo familiar, no qual já existe uma série de outros objetos que servem como modelos, pois, a representação social sobre o objeto não é gerada no vazio, mas a partir de objetos preexistentes em um local que Moscovici nomeia de núcleo figurativo (Moscovici, 2007). Nele, todos os objetos familiarizados estão armazenados em forma de imagens, isso se dá pelo fato de o autor trabalhar com a noção de que todo objeto é associado a uma imagem e toda imagem a um objeto (Moscovici, 2012). Logo, ancorar é trazer o objeto externo para o mundo interno e compará-lo a uma imagem familiar e categorizá-lo, bem como nomeá-lo. É transformar uma imagem em uma ideia.

O objeto agora internalizado e familiarizado pode ser representado. Assim, ancorar é trazer o objeto de fora para dentro. Objetivar é expor o objeto internalizado, ou seja, materializar a representação que se tem sobre a coisa, a fim de torná-la real, quase tangível (Moscovici, 2007). Nesse sentido, a objetivação pode ser entendida como o processo que transforma uma ideia em uma imagem, é a impressão icônica da ideia (Moscovici, 2012). Então, as representações sociais compreendidas por meio desses dois processos, em síntese, é o que compõe a abordagem processual.

Diante das noções conhecidas até aqui e aproximadamente com mais de 60 anos de instituição, por meio da tese intitulada “A psicanálise, sua imagem e seu público” (1961), a Teoria das Representações Sociais é uma das maiores contribuições que Serge Moscovici legou à ciência, antes de seu falecimento no ano de 2014.

O Uniforme para as Aulas de Educação Física

Historicamente, o ato de vestir-se está além de simplesmente cobrir o corpo nu, pois escolher ou preferir determinadas vestimentas em detrimento de outras é uma ação influenciada por aspectos culturais, sociais, históricos e políticos em que cada sujeito se encontra inserido. A escolha das roupas pertence a um processo de educação do corpo, em que cada um busca alcançar seus desejos de individualização e distinção social pela forma que se apresenta para a sociedade. No campo das práticas esportivas, a justificativa para o uso de trajes específicos esteve atrelada a princípios higiênicos, estéticos e morais. Durante o século XX, a realização de exercícios físicos era recomendada por médicos, devendo ser realizada com roupas leves e confortáveis, possibilitando o corpo “respirar” (Soares, 2011), ou seja, passa a haver uma “uniformização” para as práticas corporais.

Ainda no século XX, em 1931, durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas, com intuito de construir uma nação forte fisicamente que estivesse preparada para auxiliar no desenvolvimento do país, a Educação Física tornou-se obrigatória nas escolas durante todo o ano letivo e para todas as classes por meio da Reforma Francisco Campos (Ferreira Neto et al., 2021). A justificativa para a sua inserção no espaço escolar é pautada nos conhecimentos médicos, os quais afirmavam que a prática de exercícios físicos entre jovens e crianças seria capaz de promover a educação do corpo, moral e higiênica dos alunos (Gondra, 2004). Dessa forma, os corpos passariam pelo processo de disciplinarização, e o uso de uniformes ajudaria a preservar a limpeza, a identidade e a ordem entre os alunos, além de ilustrar a presença do Estado na educação. Em pesquisa realizada por Ribeiro e Silva (2012) sobre a história dos uniformes escolares no estado de Santa Catarina, verificou-se que os uniformes utilizados nas aulas de Educação Física eram diferentes dos modelos de uso diário:

Para os meninos: camisa de meia sem manga, na cor branca; calção azul marinho com elástico na cintura e sapatos de tênis brancos. Para as meninas: blusa branca tipo esporte, com manga curta, punho virado e bolsinho no lado esquerdo; bombacha preta com elástico na cintura e sapatos de tênis brancos [...]. Permitia-se, ainda, que fossem aproveitadas algumas peças do uniforme diário para as atividades de educação física: a calça azul marinho para os meninos e a blusa branca para as meninas. E, para os dias frios, além da camisa de meia, os alunos poderiam usar a blusa do uniforme diário. (Ribeiro & Silva, 2012, p. 584)

Inquestionavelmente, a Educação Física escolar distingue-se dos demais componentes do currículo por apresentar em seu conteúdo uma diversidade de práticas corporais que incluem brincadeiras e jogos, lutas, danças, ginásticas, esportes e práticas corporais de aventura (Brasil, 2017). Dessa forma, o movimento é um aspecto inerente da disciplina, fazendo com que as aulas envolvam conhecimentos de cunho histórico, social, cultural, anatômico e fisiológico. O ato de suar é recorrente nas aulas devido ao esforço físico e ao espaço em que acontece (pátio e quadra) (Carvalho, 2015). Para os alunos, o suor possui diversos significados, tanto relacionados aos aspectos socioculturais, como anatômicos e fisiológicos (Betti et al., 2013), sendo algo que pode levar à desmotivação para participarem das aulas (Carvalho, 2015). Logo, um uniforme de Educação Física composto por trajes mais leves pode ser capaz de amenizar o calor e motivar os discentes a participarem das aulas.

Conforme a Teoria das Representações Sociais proposta por Moscovici (2012), infere-se que o uso de uniformes nas aulas de Educação Física é capaz de auxiliar no processo de formação e de orientação das comunicações sociais. Ou seja, o uso de um traje específico contribui para a distinção de dois grupos sociais, no caso auxiliaria na diferenciação entre professores e alunos no espaço escolar.

Na Educação Física, esse espaço das aulas, na maior parte dos casos, é representado pela quadra, conforme ilustra a Figura 1.

Figura 1

Cena extraída da 18ª temporada da telenovela Malhação

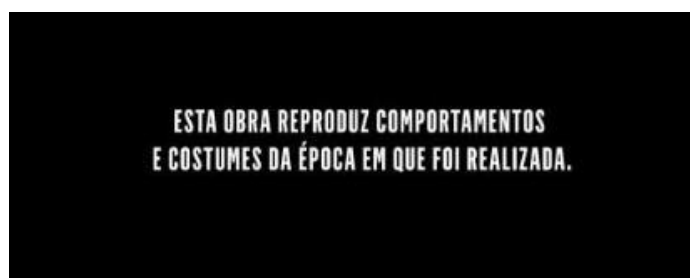


Cândido et al. (2015).

A Figura 1 é uma cena extraída do capítulo exibido no dia 21 de abril de 2011 da 18ª temporada da telenovela Malhação. Nela, nota-se não uma aula de Educação Física, mas sim uma representação social da aula de Educação Física. De acordo com Moscovici (2007), do ponto de vista da Teoria das Representações Sociais, toda imagem remete à uma ideia e toda ideia remete à uma imagem. Desta forma, a Figura 1 remete à ideia da aula de Educação Física. Cabe destacar que o Canal Viva, responsável por reprisar novelas da Rede Globo, desde 2021 passou a emitir o seguinte comunicado antes do início de cada telenovela: “Esta obra reproduz comportamentos e costumes da época em que foi realizada” (Figura 2). Dito de outra forma, podemos afirmar que tanto o espaço físico, como as vestimentas que são exibidas na imagem acima, representam a ideia de uma aula de Educação Física naquele momento histórico, especificamente, 2011.

Figura 2

Comunicado emitido pelo Canal Viva



Rocha (2021).

Alves-Mazzotti (2002) afirma que as representações sociais estão associadas à memória coletiva dos indivíduos e/ou grupos, de modo que se forma uma opinião pública sobre o assunto/objeto. A quadra, portanto, seria o lugar de memória da aula de Educação Física, e a mídia, ao apropriar-se desse conhecimento, reproduz essa representação social e, a partir das suas diferentes formas de comunicação, colabora para a manutenção simbólica, ao compartilhar imagens de uma aula de Educação Física realizada na quadra, contrariando o universo reificado da área que aponta que aproximadamente metade das escolas brasileira não possuem quadra na escola (Brasil, 2021).

Tradicionalmente o uso dos uniformes nas aulas desse componente curricular também cumpre uma função de igualar os alunos das diferentes classes sociais, principalmente nas escolas públicas, nas quais o corpo de alunos é heterogêneo. Em texto sobre o Colégio Pedro II, Rodrigues (2020) observa que a instituição se orgulha “em ter alunos oriundos de todas as classes sociais, que se igualam através do uniforme. É uma instituição que prepara para a vida, formando cidadãos críticos e conscientes” (p. 90). Além disso, o uso de uniforme para as aulas de Educação Física pode representar uma forma de distinguir essa disciplina das demais, devido ao seu caráter predominantemente prático.

Ainda que inúmeras sejam as possibilidades para explorar o tema do uniforme nas aulas de Educação Física, o que inspirou a conformação deste texto foi a preferência, presente no senso comum, pelas cores de uniforme “azul ou preto”. Evidências dessa memória coletiva podem ser observadas no estudo conduzido por Faria Júnior (2011) em uma escola pública do Rio de Janeiro. O autor afirma que, embora a escola não tivesse instalações, materiais esportivos e nem mesmo uniformes de Educação Física, os alunos compareciam às aulas sempre com blusa branca e calça azul marinho.

Faria Júnior (2011, p. 1) assinala que quando o uniforme de Educação Física era adquirido, o mesmo era composto por “camisas tipo regatas, brancas, calções pretos, tênis e meias brancas (meninos) e blusas brancas, shorts e saiotos pretos, meias e tênis brancos (meninas)”, conforme pode ser observado na Figura 3.

Figura 3

Parte de uma aula de Educação Física



Faria Júnior (2011, p. 1).

Ao longo da produção deste texto, um detalhe que chamou nossa atenção foi o fato de que, nas imagens das aulas de Educação Física de outros estados brasileiros, mais

especificamente no que tange às cores dos uniformes, não foi identificado a presença do “azul ou preto” como no Rio de Janeiro, conforme pode ser observado na Figura 4.

Figura 4

Meninos do Colégio Estadual Ministro Costa Manso, em São Paulo em uma aula de Educação Física



Acervo O GLOBO (s/d).

Diante da ausência do azul marinho e do preto no uniforme da Educação Física de outros estados brasileiros, questionamos o motivo pelo qual permanece na memória coletiva, no senso comum, no imaginário social da Educação Física do Rio de Janeiro, o “azul ou preto”. Diante disso, revisitamos a história da Educação Física escolar nesse estado e identificamos uma concepção de ensino “militarista” na qual “não havia distinção evidente entre a Educação Física e a instrução física militar” (Darido & Sanches Neto, 2011, p. 3).

Essa associação da aula de Educação Física com a instrução física militar nos levou a outro ponto de ancoragem para explicar a sociogênese do “azul ou preto”. Trata-se, portanto, da expressão “Calção preto”, que faz referência aos militares que são habilitados pelos cursos de Educação Física ministrados na Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), situada no Forte São João no bairro da Urca, na cidade do Rio de Janeiro.

Podemos identificar indícios de associações do uniforme utilizado para as aulas de Educação Física nas escolas do Rio de Janeiro com os uniformes previstos no

Regulamento de Uniformes do Exército, que prevê a “bermuda preta para o treinamento físico”. Esse indício ganha força, na medida em que, na história da Educação Física escolar, não era raro encontrar militares ministrando aulas de Educação Física/instrução física militar (Bracht, 2019).

Diante disso, como o Colégio Militar do Rio de Janeiro e o Colégio Pedro II foram umas das primeiras instituições a promover a prática da Educação Física escolar no estado e no país, levantamos a hipótese de que elas contribuíram, ao longo dos anos, para a manutenção das representações sociais que associam o uniforme das aulas de Educação Física às cores “azul ou preto”.

Cabe destacar o exemplo do Colégio Pedro II, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Por meio da portaria de nº 3639 de 18 de novembro de 2019, emitida pelo Ministério da Educação, aprovou-se o novo uniforme de Educação Física na instituição (Brasil, 2019). O artigo 3º da portaria ressalta que, durante o ano letivo, o uniforme deve ser usado por todo o corpo discente. Para as aulas de Educação Física existe um uniforme específico que é constituído pelos seguintes itens: bermuda, calça legging, camisa/camiseta, e o conjunto de frio composto por casaco e calça (Brasil, 2019).

Os uniformes do CPPI ao longo da sua história sempre foram tema de debate entre o corpo discente e docente. Em 2014 foi organizada na unidade da Tijuca uma manifestação que ficou conhecida como “saiato”, que protestava contra comentários machistas e assédios que as alunas afirmaram sofrer por usarem saia. Conforme Gomes e Silva (2022), é importante que a Educação Física escolar investigue a “sexualização” dos corpos, utilizando, por exemplo, materiais audiovisuais, impressos e compreendendo o contexto social, cultural e histórico em que o corpo está inserido.

Cabe refletir sobre os motivos para a obrigatoriedade do uso de uniforme para as aulas de Educação Física, em especial sobre o rigor compartilhado por parte do corpo

docente. Segundo a portaria nº 3639, o uso de uniformes específicos durante as aulas da disciplina garante a manutenção da igualdade, identidade e segurança do corpo discente (Brasil, 2019).

O Imperial CPII foi fundado em 1837, em homenagem ao imperador do Brasil D. Pedro II. O Colégio foi a primeira instituição no Brasil a oferecer o ensino secundário, sendo responsável por formar as pessoas da elite brasileira que conduziram o país. O colégio possuía a responsabilidade de ser modelo de instrução secundária do município da corte e demais províncias, e auxiliar no projeto de construção e formação da nação brasileira. Esperava-se também que o novo colégio diminuísse a influência do ensino estrangeiro no Brasil (Rodrigues, 2020). Dessa forma, a instituição era símbolo de identidade de uma nação que estava em construção, e o uso dos uniformes pode ser considerado uma forma de representação e materialização deste projeto.

No ano de 2016 o Colégio emitiu a portaria de nº 2449 em que um dos trechos ratifica a obrigatoriedade do uso dos uniformes durante todo o ano letivo, mas permitindo o uso de calça brim azul marinho pelas alunas e a utilização do uniforme de Educação Física durante o verão (Fully, 2019). A cidade do Rio de Janeiro é caracterizada por apresentar altas temperaturas, principalmente ao longo dessa estação. Devido a essas particularidades, os moradores e visitantes costumam utilizar vestimentas leves, como shorts e camisetas, permitindo que o corpo fique frequentemente exposto (Siqueira & Siqueira, 2011). Logo, pode-se inferir que a permissão para o uso do uniforme de Educação Física (bermuda, camiseta/camisa) durante o verão seria uma adaptação às características climáticas da cidade do Rio de Janeiro.

A cor azul marinho é uma característica comum aos uniformes do CPII (Fully, 2019). Neste ponto, cabe citar que os uniformes escolares começaram a ser utilizados no Brasil durante o século XIX, e eram inspirados nas fardas utilizadas pelo Exército

Nacional (Marcon, 2010), que na maior parte da sua composição era marcada pela cor azul. Desse modo, observa-se que a Educação Física escolar, além de ter recebido influências militares durante o seu processo de inserção no âmbito escolar (Goellner, 2008), também mantém representações sociais ancoradas em seus uniformes como herança de um passado militar.

Por fim, com o intuito de ilustrar como as influências militares estão ancoradas na construção de uniformes escolares, destacamos a matéria “Uniformes que contam história”, publicada no Jornal O GLOBO, em 2006 (Figura 5).

Figura 5

Uniformes que contam história



Acervo O GLOBO (2006).

A reportagem acima destaca alguns trechos da entrevista concedida por Isabel Pires, que foi responsável pela organização de um projeto que teve como produto a obra “A história do uniforme escolar no Brasil”. Sendo assim, conforme O GLOBO (2006, p. 5): “Reparou que alguns dos uniformes espalhados nesta página são parecidos com fardas militares? Isabel explica: A escola não foi a primeira a adotar uniforme. A farda nasceu

nas Forças Armadas, daí muitos uniformes parecerem da Marinha ou do Exército” (O GLOBO, 2006, p. 5).

Ademais, em uma das imagens da matéria é conferido destaque aos uniformes que eram utilizados pelos alunos do CPII, no ano de 1909, durante as aulas de ginástica (Figura 6). Partindo do pressuposto que, para Moscovici (2012), as representações sobre um mesmo objeto variam de acordo com as condições de vida social, cabe indagar em que medida as vestimentas utilizadas para as aulas de Educação Física modificaram-se ao longo da história do CPII.

Figura 6

Aula de Ginástica no Colégio Pedro II



Acervo O GLOBO (2006).

Figuras 7 e 8

Uniformes de Educação Física Colégio Pedro II (2019)





Colégio Pedro II (2024).

Ao analisarmos as imagens que representam momentos históricos distintos do CPPII, observamos uma evolução nas representações sociais dos uniformes de Educação Física. Isso confirma a ideia de Moscovici (2012) de que as representações sociais sobre objetos podem se transformar ao longo do tempo, refletindo as mudanças nas condições sociais.

Considerações Finais

O objetivo deste texto foi discutir algumas representações sociais que circulam no cotidiano escolar sobre o uniforme para as aulas de Educação Física. A produção foi inspirada na função social que as cores azul e/ou preto exercem no campo simbólico do imaginário social da prática pedagógica da Educação Física, mais especificamente na comunidade composta por alunos e professores que se relacionam a partir das práticas corporais.

Um dos pontos que despertou nossa atenção ao longo da produção do texto foi a ausência de material de apoio à pesquisa sobre essa temática, considerando que se trata de um objeto de estudo que atravessa o cotidiano de professores e alunos no ambiente das aulas de Educação Física ao longo de anos. Sendo assim, espera-se que o manuscrito possa encorajar outros pesquisadores a se debruçar sobre a temática dos uniformes para as aulas de Educação Física/Esportes.

Ainda que existam diferentes métodos e técnicas de investigação científica, esse capítulo texto operou como o referencial teórico e metodológico da Teoria das Representações Sociais, mais particularmente com a abordagem processual da teoria. A partir dessa perspectiva, evidenciou-se que a socio gênese das representações sociais que associam o uniforme para as aulas de Educação Física às cores “azul ou preto” estão, na hipótese interpretativa assumida aqui, conectadas às raízes militares e imperial.

Referências

- Alves-Mazzotti, A. J. A. (2002). A abordagem estrutural das representações sociais. *Psicologia da Educação, 14*, 17-37.
- Brasil. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996.
- Brasil. (2017). *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica.
- Brasil. (2019). Portaria nº 3.639 de 18 de novembro de 2019. *Aprova o novo uniforme de Educação Física*. Ministério da Educação, Reitoria Colégio Pedro II.
- Brasil. (2021). *Atuação do Ministério da Cidadania no Esporte Educacional: desafios e perspectivas*. Ministério da Cidadania.
- Betti, M., Silva, E., & Silva, P. G. (2013). Uma gota de suor e o universo da Educação Física: um olhar semiótico para as práticas corporais. *Revista Kinesis, 31*(1), 91-106.
- Bracht, V. (2019). *Educação física escolar no Brasil: o que ela vem sendo e o que pode ser*. UNIJUÍ.
- Cândido, C. M., Assis, M. R. D., Ferreira, N. T., & Coelho, L. A. M. C. (2015). A representação da Educação Física na 18ª temporada da telenovela *Malhação*. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 29*(1), 95-106.
- Carvalho, L. (2015). Fatores para motivação ou desmotivação à participação nas aulas de Educação Física. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol, 7*(27), 548-553.
- Colégio Pedro II. Reitoria. (2024). *Portaria nº 1234/2024: Regulamentação do uso do uniforme escolar regulamentar*. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/portarias/uniforme2024.html>.
- O GLOBO. (2006, 4 de fevereiro). *Uniformes que contam história.*, O Globinho. Acesso em: 29 de jan. 2025. Disponível em: Acervo Digital Resultado | Jornal O Globo.
- Darido, S. C., Sanches Neto, L. (2011). O contexto da Educação Física na escola. In.: S. C. Darido, & I. C. A. Rangel. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. 2ª Ed. Guanabara Koogan.
- Durkheim, É. (1987). *As regras do método sociológico*. 13ª Ed. Nacional.
- Faria Júnior, A. G. (2011). Ginásio Estadual Nun'Álvares Pereira no início do fim. *Lecturas Educación Física y Deportes (Buenos Aires), 1*, 1-9.

- Ferreira Neto, A., Cassani, J., & Santos, W. (2021). Perfis editoriais e a construção de significados em impressos da Educação Física (1932-1960). In: F. N. Amarílio, J. M. Cassani, & W. Santos (orgs.). *A Educação Física na Imprensa de Ensino e Técnica (1932-1960)*. Appris.
- Fully, G. (2019). *Com que roupa eu vou? Conversando sobre gênero, sexualidade e educação no Colégio Pedro II*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro]. UERJ.
- Goellner, S. (2008). As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte: esporte, eugenia, e nacionalismo no Brasil no início do século XX. *Revista de História do Esporte*, 1(1), 1-28.
- Gomes, R., & Silva, A. (2022). Da música “Girl from Rio” de Anitta para o campo da Educação Física: uma interpretação sobre os corpos femininos. *Revista Praxia - Revista on-line de Educação Física da UEG*, 4, 1-16.
- Gondra, J. (2004). *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial*. EdUERJ.
- Hobsbawm, E. J. (2012). *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Companhia das Letras.
- Marcon, M. (2010). *Aspectos históricos dos uniformes escolares: reflexões no campo da educação e da moda (1940-2000, Caxias do Sul)*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Caxias do Sul]. UCS.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social sobre a psicanálise*. Zahar Editora.
- Moscovici, S. (2007). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 5ª Ed. Editora Vozes.
- Moscovici, S. (2012). *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Editora Vozes.
- Novaes, R. C., Triani, F. S., & Telles, S. C. C. (2024). O GERME e a estetização da existência na educação física escolar. *Educar em Revista*, 40.
- Ribeiro, I., & Silva, V. (2012). Das materialidades da escola: o uniforme escolar. *Revista Educação e Pesquisa*, 38(3), 575-588.
- Rocha, G. (2021, 26 de maio). *Reprises de novela devem avisar sobre comportamentos preconceituosos?* Portal Uol. Acesso em: 28 de jan. 2025, disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/05/26/reprises-de-novelas-devem-avisar-sobre-comportamentos-preconceituosos.htm>.
- Rodrigues, V. (2020). *O centro de documentação e memória do colégio Pedro II e sua contribuição para a história das instituições científicas brasileiras*. Atena.

- Siqueira, E., & Siqueira, D. (2011). Corpo, mito e imaginário nos postais das praias cariocas. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 34, 169-187.
- Soares, C. (2011). As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo (Brasil, 1920-1940). *Revista Pro-Posições*, 22(3), 81-86.
- Triani, F. S. (2022). A disseminação da teoria das representações sociais nos principais periódicos científicos da educação física. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, 19(57), 181-195.